



**A educação ambiental e a proposta Ecosófica. Uma micropolítica no cenário contemporâneo**

Ana Paula Dos Santos Rivaroli<sup>1</sup>  
Roselaine Machado Albernaz<sup>2</sup>

**Resumo:** As incertezas do mundo contemporâneo nos provocam a produzir outras maneiras de pensar, atuar e sentir o mundo. A realidade é complexa e suas forças tendem a evidenciar, com o capitalismo neoliberal, uma prevalência do consumo e do econômico em prol da alteridade. Nesse sentido, entendemos que é necessário questionar e criar outras possibilidades de pensar a Educação Ambiental (EA). Desejamos realizar este desafio a partir desta escrita, problematizando o conceito de Ecosofia, de Félix Guattari, que articula as Três Ecologias (ambiental, social e mental). Acreditamos que esse conceito pode potencializar a tarefa da EA e a necessidade que dela se faz para atentarmos ao nosso cotidiano e ao mundo em que vivemos.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade. Educação Ambiental. Ecosofia.

**Environmental education and Ecosophy proposal. A micro politics in the contemporary scenario**

**Abstract:** The contemporary world's uncertainties provoke us to produce other ways of thinking, acting and feeling the world. The reality is complex and its strengths tend to evidence, as the liberal capitalism, a prevalence of the consumerism and the economics in favor of otherness. In this sense, we understand that is necessary to question and create other possibilities of thinking the environmental education (EE). We wish to accomplish this challenge from this writing, problematizing the concept of Ecosophy, from Felix Guatari, that articulates the Three Ecologies (environmental, social and mental). We believe that this concept can potentiate the task of EE and the need of it is made to attempt to our daily life and the word we live in.

**Keywords:** Contemporaneity. Environmental Education. Ecosophy.

<sup>1</sup> Técnica em Química pelo Instituto Federal Sul-riograndense, Bióloga pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Educação e Tecnologia pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. Suficiente em Citotecnologia pela Sociedade Brasileira de Citopatologia (SBC). E-mail: [anapaularivaroli@yahoo.com.br](mailto:anapaularivaroli@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Habilitação Em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas UCPel(1983). Especialista em Educação pela UCPel (1994). Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (2005). Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (2011). Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense (IFSul), Campus Pelotas. E-mail: [rosealbernaz@gmail.com](mailto:rosealbernaz@gmail.com)

## **La educación ambiental y la propuesta Ecosófica. Una micropolítica em el escenario contemporaneo**

**Resumen:** Las inseguridades del mundo contemporáneo nos mueven a producir otros modos de pensar, actuar y sentir el mundo. La realidad es compleja y sus fuerzas tienden a evidenciar, con el capitalismo neoliberal, una prevalencia del consumo y de lo económico en pro de la alteridad. En este sentido, entendemos que es necesario cuestionar y crear otras posibilidades de pensar en la Educación Ambiental (EA). Este desafío deseamos realizar a partir de esta escrita, problematizando el concepto de Ecosofía de Félix Guattari, que articula las Tres Ecologías (ambiental, social y la mental). Creemos que ese concepto puede potencializar la tarea de EA y la necesidad que de ella se hace que miremos para nuestro cotidiano y el mundo en que vivimos.

**Palabras-clave:** Contemporaneidad. Educación Ambiental. Ecosofía.

### **1. Introdução**

As ideias que concebiam o universo como um sistema apenas mecânico são insuficientes para enfrentar as incertezas do mundo contemporâneo. Sabemos que a realidade requer uma reforma na nossa maneira de pensar, atuar e sentir o mundo. Hoje, é necessário um pensamento múltiplo, que possibilite criar saberes os quais nos ajudem a entender as mudanças na vida de cada um de nós e na sociedade. Dessa forma, talvez possamos ponderar sobre a complexidade do mundo que vivemos.

A abordagem que analisa o mundo em partes independentes precisa ser repensada para gerar um outro tipo de pensamento, que compreenda o Cosmos como um todo interligado e em contínua transformação. Torna-se necessário estabelecer uma interação entre o “si” mesmo, a natureza, a ciência e as sociedades, a fim de tentarmos construir outros modos de viver. Sabemos bem que na sociedade contemporânea aparecem, com mais evidência, os limites da visão cartesiana, com seu pensamento linear, para explicar as imprevisibilidades da sociedade, do mundo e da vida.

Vivemos numa sociedade cuja realidade é complexa e suas forças tendem a evidenciar, com o capitalismo neoliberal, uma prevalência do consumo e do econômico em prol da diferença e da alteridade. Nesse sentido, entendemos que é necessário questionar e criar outras possibilidades de pensarmos a Educação Ambiental (EA). Sabemos que a EA cumpre um papel importante quando estuda as possibilidades de novas formas de interações ecológicas entre as pessoas e os demais seres da natureza. A EA tem muitas maneiras de ser pensada e articulada ao nosso cotidiano, seja na escola e/ou na vida. Uma dessas maneiras visa à construção de uma nova cidadania que busca um novo homem no seu sentido mais integral, com uma certa consciência e sentimento de pertencimento planetário, através de uma outra perspectiva da dimensão humana, do homem que é

natureza, do homem que é planetário e cósmico. Parece-nos que podemos ampliar ainda mais esse sentido de EA quando trazemos mais uma força para ser pensada, que é a relação de si consigo mesmo.

Esse é o desafio e a empreitada que desejamos realizar nessa escrita e que se justifica pela problematização do conceito de Ecosofia de Félix Guattari<sup>3</sup>. Conforme o autor, a Ecosofia (GUATTARI, 2012a) dá-se através da articulação entre as Três Ecologias (ambiental, social e mental). Acreditamos que esse conceito pode potencializar a tarefa da EA e a necessidade que dela se faz para atentarmos ao nosso cotidiano e ao mundo no qual vivemos. Esse conceito articulado à EA seria como uma micropolítica que pode ser realizada tanto na escola, bem como na vida, no cotidiano de cada um de nós e nas relações entre o *socius* e o ambiente físico. Com isso, talvez sejam possíveis algumas soluções, mesmo que provisórias, que dizem respeito aos problemas que enfrentamos na contemporaneidade.

Isabel Carvalho, em sua obra “Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico”, questiona porque há tantos adjetivos para a EA. Diz a autora: “o que significa o fato de haver uma tipologia tão variada quando se fala em Educação Ambiental?” (CARVALHO, 2004, p. 18). Concordando com seu pensamento, entendemos que os modos de atuarmos na sociedade e no dia a dia descrevem nosso entendimento de EA. Dessa forma, tem a ver com uma ética e uma política da maneira que desejamos viver nesse planeta com suas múltiplas relações.

Nesse texto, apresentamos o conceito de Ecosofia de Félix Guattari e propomos a EA articulada a esse conceito para repensar os modos de vida em nossa sociedade. A proposta é fazermos esta articulação não só pelas questões ambientais e sociais, tarefa relevante que a EA faz, mas também sugerimos uma atenção à produção de subjetividade que nos constitui no nosso dia a dia, até chegarmos à ideia de uma produção de subjetividade denominada por Guattari de Singularização. Seria essa a micropolítica que oferecemos neste texto para repensarmos nossos modos de vida.

De acordo com Loureiro (2004, p. 34), todas as relações sociais são ambientais, uma vez que se realizam no ambiente local e planetário. E por que não pensar na produção de subjetividade como também um problema da EA?

---

<sup>3</sup> Félix Guattari (1930 – 1992) foi um filósofo e psicanalista francês que procurou, em suas obras, abarcar as questões sociais, humanas, políticas, econômicas e ambientais. Uma de suas obras de maior impacto foi “As três ecologias”, na qual o autor manifesta sua indignação perante um mundo que se deteriora lentamente.

Então, ao falarmos de uma EA, devemos englobar as múltiplas esferas da vida planetária e também social, inclusive as relações de “si” consigo mesmo. Para entendermos essa necessidade, trataremos a seguir dos cenários atuais em que vivemos.

## 2. Cenários contemporâneos

Vivemos em um planeta em grande transformação. Com a descoberta do petróleo, o “ouro negro”, o homem pôde ampliar suas produções e reconfigurou o ambiente físico. No campo, as máquinas substituíram a mão de obra humana, e a produção passou a ser em grande escala. A monocultura substituiu a diversidade de plantas cultivadas para dar conta da demanda na produção.

Paralelas ao cultivo em grandes escalas surgiram as pragas de lavouras. Na sequência, para tentar solucionar tal problema, os pesticidas, os quais, hoje, talvez já tenham se incorporado a praticamente todas as cadeias alimentares. Para melhorar ainda mais a produção, tornou-se necessária a utilização de fertilizantes, assim, em menos tempo e espaço, aumentavam os resultados da colheita e do lucro (HOME, 2009).

Hoje, essa alteração e interferência tornaram-se desenfreadas. O planeta, que levou milhares de anos para se formar, em pouco tempo tornou-se um ambiente de devastação da vida, sofrendo grandes modificações. O ser humano, que também é parte dessa natureza, ainda se sente com o direito de se apropriar dela e ainda tem a necessidade de dominá-la. Essa é a visão antropocêntrica, na qual o homem é o centro do planeta. Infelizmente, ainda encontramos esse tipo de visão na atualidade.

Essas modificações no ambiente, que se intensificaram desde a modernidade, não se dão somente no âmbito físico. Elas ocorrem também nas relações humanas e na relação consigo. Nos tempos atuais, o Capitalismo Mundial Integrado (CMI), como nomeou Félix Guattari (2012a), é responsável pela instauração em longo prazo de imensas zonas de misérias, fome e morte. É no CMI que nos acostumamos a ver cenários de desemprego, diferenças sociais, diferenças econômicas e desvalorização da vida que se laminam às subjetividades. Para o filósofo

A pobreza é "amada" pelo sistema capitalista que usa ela como uma alavanca para colocar em voga a força de trabalho coletivo. O indivíduo é forçado a estar em conformidade com as disciplinas urbanas, os requisitos do sistema de salários ou rendimentos de capital. Ele é obrigado a ter lugar certo em escala social, caso contrário ele irá afundar no abismo da pobreza, da assistência e eventualmente do crime. A subjetividade coletiva regida pelo capitalismo é polarizada por valores de campo:

Parece que todos esses problemas já fazem parte de nossas vidas e nos acostumamos com eles como se fossem naturais às sociedades. O CMI é tão perverso que consegue nos anestésiar, acabamos por nos conformar e nos tornarmos cúmplices do que ele investe em nossas subjetividades, como, por exemplo, o lucro e o consumo.

Entre tantas questões, tem também a fome no mundo. Afinal, com todos os aparatos tecnológicos, é possível estabelecer uma alta produtividade de alimentos compatíveis com o índice populacional. Em contrapartida, ainda existem, em grande escala, pessoas que passam fome e que morrem pela falta de alimentos, promovendo uma grande desigualdade social. Infelizmente, existe um interesse do capitalismo neoliberal em manter esses desníveis. Afinal, tudo isso faz parte do monstruoso sistema de estimulação do CMI. Mas quem tem consciência disso? E a escola, como traz essa problemática? São necessários tempo e disponibilidade para tratar de todos esses assuntos.

Sabemos que não é de responsabilidade de uma disciplina pedagógica tratar da EA. A ideia é de trazer suas ideias e ocupar todos os espaços de convivência, como nas escolas, na vizinhança e dentro dos próprios núcleos familiares. Precisamos desenvolver uma atitude política frente ao mundo. Às vezes, nos parece que vivemos muito próximos a seres indiferentes, preocupados apenas com as nossas questões mais próximas. Enquanto isso, há enfrentamentos entre nações; por territórios, bens, poder bélico, interesses econômicos, políticos e religiosos. Tudo isso faz com que acelerem as degradações nas sociedades e nas relações humanas. Como tratarmos desses assuntos na comunidade, na escola e em casa?

É possível perceber no ambiente escolar, por exemplo, a presença da intolerância frente às diferenças entre os alunos. A altura, o peso, o cabelo, a roupa, o modo como se relacionam uns com os outros, o modelo de celular, o tipo de caderno, se vai à escola de ônibus ou de bicicleta, se a família espera na porta da escola ou não. Todas essas questões circulam entre os jovens provocando um posicionamento frente a uma subjetividade normalizada, causando não só lesões físicas, mas também uma produção subjetiva, o chamado *Bullying*<sup>4</sup> que já é comum no CMI. Nesse contexto, assim como em tantos outros, é possível perceber a captura midiática na produção dessas subjetividades, a qual Guattari

---

<sup>4</sup>*Bullying* é um termo utilizado para descrever atos de violência física e psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia à vítima. Pesquisado em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>>. Acesso em 12 set. 2016.

(2012b) chama de *Mass Media*<sup>5</sup>, que atravessa as questões da uniformização, do conformismo e do senso comum diante do efêmero cenário contemporâneo.

Assim, em contraponto ao avanço das tecnologias e da facilidade de comunicação entre as pessoas de diferentes localidades, em tempo instantâneo, talvez nunca se tenha vivenciado um período de tanto distanciamento entre os indivíduos. “Estamos mais conectados e mais isolados”, afirma Sant’anna (2001, p. 38). A autora traz essa problemática na obra “Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea” ao se referir aos indivíduos na contemporaneidade. Ela escreve que

Proclama-se frequentemente que nesta era de ubiquidade da informação, as novas tecnologias abrem ao homem a possibilidade de uma reflexão e de uma inteligência coletivas. Entretanto, quando este mesmo homem está nas ruas das cidades-rodovias, o que ocorre? Uma regressão desconcertante: ele é levado a conceber o outro como um estrangeiro ameaçador e a manter sua individualidade a salvo do contato com o outro. Se a interatividade entre homem e máquina ocorre no espaço virtual e privado das moradias e instituições – o que implica compartilhar experiências –, no espaço geográfico das ruas, compartilhar qualquer coisa tende a ser uma utopia. (2001, p.39).

Assim, em todas as escalas individuais e coletivas das sociedades ocidentais, o que se percebe é que cada vez mais o individualismo e o consumismo fazem parte de um mesmo estilo de vida.

### 3. A Educação Ambiental (EA) e a Ecosofia

Acreditamos que a EA é aquela que se dá na vida, a partir de nossos modos de viver, de nossas escolhas éticas sobre a forma que entendemos o mundo. Nesse sentido, não podemos entender a EA a partir de um pensamento hierárquico, pensando como se a EA fosse maior do que a educação. Do mesmo modo, também não podemos privilegiar o termo ambiente como sendo o mais importante, tampouco como objeto da educação, pois não se acredita mais nesse pensamento cartesiano, dual e linear de entendermos a vida.

A EA pode ser pensada de forma múltipla, sem um entendimento universal, uma normalização, coisa que, em geral, é o pensamento que predomina na academia ou na escola. Com isso, não nos interessa separar o sensível da razão. Concordamos com Isabel Carvalho, pois acreditamos que não seja possível “traduzir ou reduzir as múltiplas orientações numa única educação ambiental: uma espécie de esperanto ou pensamento

---

<sup>5</sup>Na obra *Caosmose*, Guattari diz que os fatores subjetivos também foram assumidos pela *Mass Media* num alcance mundial através dos meios de comunicação em massa.

único ambiental” (CARVALHO, 2004, p. 17). E esse é o sentido que trazemos à EA no desenvolvimento deste texto.

Assim, as ideias de Guattari são trazidas para que possamos ampliar o sentido que damos à EA. Para isso, criticamos qualquer tipo de pensamento que explora o ambiente físico, como se esse fosse um bem de que deve se tomar posse e usufruir de seus benefícios. Mas também criticamos o olhar “salvacionista” encontrado em muitas obras nas quais a EA pensaria apenas em “cuidar” das questões físicas do meio ambiente.

Félix Guattari traz o conceito de Ecosofia para repensarmos nossa sociedade, nossas formas de pensar, bem como as transformações que ocorrem em nosso planeta. O autor também alerta sobre os modos de vida na contemporaneidade, em que tudo muda velozmente, tornando, de certa forma, a vida efêmera. Essa velocidade nas mudanças, com os excessos de informações, as dificuldades nas relações humanas, a degradação ambiental e a produção de subjetivação numa sociedade capitalista neoliberal, na maioria das vezes, causam medo, solidão e insegurança (GUATTARI, 2012a). Não é por nada que a depressão e a ansiedade estão cada vez mais comuns.

Para Guattari, o individualismo e a fraqueza das relações não deixam de ser problemáticas ecológicas e também são questões importantes para a EA que se compromete com as questões de nosso tempo. A felicidade na contemporaneidade resume-se em “ter” e não em “ser”. Para o filósofo, “a subjetividade se encontra deste modo ameaçada de petrificação, perde a vontade pela diferença, pelo imprevisto, pelo acontecimento singular” (GUATTARI, 2015, p. 30) [tradução nossa].

Como já dissemos, pensamos que os modos de cada um atuar, ser e pensar descrevem o entendimento de EA que cada indivíduo tem. No pensamento guattariano, o subjetivo não se identifica com um único indivíduo, mas se constitui num campo de produção de subjetividade, isto é, de produção de formas de sensibilidade, de pensamento, de desejo e de ação no mundo. Nessa produção também temos que considerar as relações consigo mesmo e com o mundo.

Informações não faltam no nosso cotidiano. Elas surgem em alta velocidade a todo o momento. Porém, não há tempo para se apropriar de tudo. Por estes excessos vinculados pelas mídias de massa, como a televisão, os *smartphones* e os computadores ligados à Internet, as pessoas acabam somente se posicionando frente aos fatos pontuais, assumindo um papel talvez passivo diante da vida, ante um senso comum, “como se agissem sempre por reflexo e jamais por reflexão” (SANT’ANNA, 2001, p. 40). Diante dessa realidade, Guattari nos diz que “isso significa que você não pode esperar recompor uma terra

humanamente habitável sem reinventar efeitos econômicos e produtivos, agenciamentos urbanos, sociais, culturais, artísticos e práticas mentais” (2015, p. 30) [tradução nossa].

A falta de tempo na vida contemporânea acaba barrando as experiências, aquilo que nos passa, como nos ensina Jorge Larrosa (2007). Uma experiência, no sentido que Jorge Larrosa traz, altera, modifica o indivíduo através do que lhe acontece. O conhecimento por si só não é experiência. A experiência tem a ver com aquilo pelo qual alguém passa. Não acontece de igual maneira entre duas pessoas. Mas, no nosso dia a dia, as informações acabam passando sem nos tocar, sem nos modificar. Essa exposição de padrões exercidos pelas mídias e pelo sistema econômico (CMI) atua em nossos corpos reduzindo a percepção de mundo e de nós mesmos, o que limita, condiciona e produz nossos modos de vida.

É possível perceber essas questões quando problematizamos o turismo nos dias atuais. As viagens acabam se resumindo num deslocamento físico onde, mesmo com a possibilidade de se estabelecer outras relações, o que se reproduz é o mesmo comportamento dos corpos, na visitação dos mesmos lugares, em que mais vale uma *Self*<sup>6</sup> num monumento famoso do que se colocar junto e estar atento ao fluxo de forças daquele espaço. Problematizar essas relações que se dão na atualidade, não só em relação ao ambiente físico, mas também as relações entre as pessoas e com a própria produção de subjetividade, talvez possa provocar a criação de outros modos de vida. Ao mesmo tempo, ampliar a necessidade de incorporarmos uma EA que se desenvolve na vida como uma escolha ética de nós mesmos.

#### 4. A proposta Ecosófica

Félix Guattari (2012a, p. 8) defende que só uma articulação ética, política e estética, o que ele chama de Ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia ajudar a esclarecer as questões que ameaçam nossas sociedades e nossas vidas. “Eco”, do grego *oikos*, que significa casa, habitat, meio natural; “sofia”, do grego *sophia*, que significa sabedoria, saber. Ecosofia, portanto, expressa as formas como as pessoas interagem entre si, com o meio físico e consigo mesma.

---

<sup>6</sup> O termo contemporâneo *Self* é dado à autoimagem de si mesmo, um registro fotográfico amplamente utilizado nas redes sociais atualmente.



A provocação que se faz a partir da Ecosofia não direciona uma resolução das problemáticas pontualmente pelo viés físico, o alerta do filósofo francês, vai ao encontro de outros registros ecológicos, pois

Se não houver tal retomada ecosófica (seja qual for o nome que se lhe dê), se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escala de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres, [...] (2012a, p. 16).

Reconhecer a articulação entre os saberes da vida torna-se uma possibilidade de buscar novos modos de nos relacionarmos com o meio onde vivemos, com os outros indivíduos e conosco. Diz respeito a um olhar para si, pensar a vida, criar e inventar novas formas de ver o mundo através de práticas efetivas de experimentação, na tentativa de uma mudança. Essa mudança se dá através da construção de um modo de ser pessoa, a partir de uma postura ética, política e estética. Em outras palavras, a partir das nossas atitudes frente a um mundo que se encontra em plena transformação.

Para Guattari, a sociologia, as ciências econômicas, políticas e jurídicas, parecem, nesse estado atual de coisas, insuficientes para dar conta dessas problemáticas. Será que a EA, atentando apenas para as questões físicas e sociais, seria suficiente para responder nossos problemas? Achemos que a atenção a “si mesmo” pode fazer a diferença. Mas, aí, temos que ter um cuidado, pois a própria psicanálise, criticada pelo filósofo francês, enfrenta os problemas reduzindo os fatos sociais a mecanismos psicológicos (GUATTARI, 2012b). Talvez tenhamos que entender esse “si mesmo” diferentemente da subjetividade da psicologia. Mas, afinal, o que seriam as três ecologias? Como funcionam para nos ajudar a pensar as questões de nosso tempo, da nossa vida e do planeta?

Guattari não se refere diretamente aos impasses ambientais, por exemplo: a poluição atmosférica, o aquecimento global ou a extinção de espécies. Ele vai além, refere-se também às devastações ecológicas relativas ao campo social e ao domínio mental, conectadas entre si. Nesse contexto, Guattari defende que

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com condição que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (2012a, p. 9).

Magnavita (2012) levanta a questão de que a Ecosofia não é apenas uma filosofia da ecologia, como o termo designa, mas uma postura ativista e política que objetiva agir no mundo, mais do que simplesmente pensá-lo. Essa postura tem a ver com a ética, com uma escolha de um modo de vida e, ao mesmo tempo, contra o desperdício e o consumismo. É também uma atitude política que vai além do nosso próprio benefício, atenta-se, no entanto, para a sociedade como um todo, preservando nosso ambiente, preservando a vida em todas as instâncias. Talvez, buscar essa sabedoria estando à espreita com o nosso próprio corpo e nossos sentidos, numa relação íntima com o nosso meio seja uma possível saída. Michel Serres aponta uma saída para a crise que abala nosso planeta, diz ele que é necessário uma nova suavidade “fim do duro, início do suave. Do suave, e não só da moral, mas também dos códigos, suave teórico [ ] um suave que permita a intervenção e o acesso” (2017, p.94). Pode-se perceber que Serres está nos dizendo para darmos mais atenção ao sensível e não ficarmos presos somente à razão. Assim, a Ecosofia é uma possibilidade da criação de uma suavidade que busca a alteridade, ela nos traz a articulação entre as três ecologias: a ambiental, a social e a mental. É um pensamento múltiplo da forma de ver o mundo, estar e se sentir pertencente a ele.

A ecologia social vai tratar da degradação entre os grupos, entre o *socius*. Estamos cada vez mais isolados, presos em nossas casas e, muitas vezes, conectados na Internet e na televisão. Como exemplo, hoje, a “moda” é o *Facebook*, nessa rede social há várias pessoas conectadas que se denominam “amigos”. Todos se expõem em fotos e em opiniões, em grande parte, superficiais, dizem os lugares que frequentam, o que comem e o que fazem. É possível dizer que esta realidade contribuiu para um aumento da falta de encontros presenciais, porém há coisas que o virtual não proporciona, como o olhar, o toque, o cheiro, e isso está cada vez mais raro. E se tal pessoa não tiver ideias afins, simplesmente é apagada da relação de “amigos”. Pronto! Os problemas são deletados em um só clique.

O princípio particular à ecologia social diz respeito à promoção de um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de diversos tamanhos. Esse “Eros de grupo” não se apresenta como uma quantidade abstrata, mas corresponde a uma reconversão qualitativamente específica da subjetividade primária, da alçada da ecologia mental. (GUATTARI, 2012a, p. 45)

Os impasses da contemporaneidade nos forçam a repensar a qualidade da existência individual e coletiva. Isso envolve o investimento em entender que as relações sociais vão muito além da coexistência entre os indivíduos, mas que nela transitam outros movimentos

abraçados pelos três registros ecológicos. Não somos um corpo que funciona isoladamente. Algo que se apresenta nessa vertente filosófica é a alteridade, que vai muito mais além de aceitar visivelmente o outro. A alteridade se encontra na dimensão do invisível, onde se leva em consideração que é impossível pensar a subjetividade sem o outro, já que o outro nos arranca permanentemente de nós mesmos (ROLNIK, 1992). Para a autora,

A dimensão invisível da alteridade é o que extrapola nossa identidade – essa unidade provisória onde nos reconhecemos –, dimensão em que estamos dissolvidos nos fluxos e na qual se operam permanentemente novas composições que, a partir de um certo limiar, provocam turbulência e transformações irreversíveis no atual contorno de nossa subjetividade (1992, p. 2).

Assim, a ecologia social está também relacionada a um outro tipo de prática do pensamento, que entende que o social produz e desfaz composições nas quais estamos em constante produção. Assim, aceitar o outro como legítimo envolve não só a questão social, mas também uma produção de subjetividades.

Ainda em relação à ecologia social, Guattari, nas obras “Caosmose” e “As três ecologias”, propõe como ponto pragmático primordial, problematizar e fazer as sociedades capitalísticas da era da mídia se direcionarem a uma *era pós-mídia*. Uma aposta no sentido de uma reapropriação da mídia pelos sujeitos capazes de conduzi-la numa via de ressingularização<sup>7</sup>, já que são muitas as situações na contemporaneidade em que as pessoas encontram-se isoladas umas das outras. Essa situação está presente nas escolas, nas famílias, no trabalho, em quase todos os lugares. Guattari trata sobre a ecosofia social com a intenção de desenvolver práticas específicas para modificar e reinventar essas relações de “ser em grupo”.

A ecologia mental está relacionada com uma produção de subjetividade, em que Guattari faz uma forte crítica ao CMI e desenvolve a ideia de produção de subjetividade capitalística, atrelada ao consumismo e à economia. Essa produção de subjetividade é de caráter imanente, se produz no aqui e no agora. Para Soares e Miranda (2008), a concepção de subjetividade é forjada no seio do *socius* e constitutiva do acontecimento. A ecologia mental refere-se a uma produção passível de mudança, em que a subjetividade se produz na relação de si consigo, com os outros e com o cosmos.

Como exemplo, temos as mídias e as publicidades, que, hoje, são importantes meios de produção de subjetividade coletiva. Para Guattari (2012a), o CMI tende a

---

<sup>7</sup> Cabe lembrar que Guattari nos provoca a pensar sobre essa ressingularização pelo viés da *era pós-mídia* no início dos anos 90, quando, a Internet, recém dava seus primeiros passos. Assim, é interessante pensar o quanto se torna potente e atual esse movimento provocado pelo filósofo há quase trinta anos.

descentralizar seu foco das estruturas de produção de bens e de serviços para estruturas produtoras de subjetividades. Esse meio contribui, significativamente, para a captura dos sujeitos e suas atitudes, o que envolve diretamente o consumismo. Garré e Henning (2014), seguindo o pensamento foucaultiano, entendem que nossas escolhas não são totalmente livres, mas são governadas, direcionadas e reguladas. Assim, “somos sujeitos produzidos por um emaranhado de múltiplas relações, interferências e acontecimentos que direcionam nosso modo de ser, de pensar, de escolher e de ‘sermos livres’” (2014, p. 428). E esse é o ideal do CMI. Quando falamos em consumo, logo nos lembramos da compra de roupas, objetos tecnológicos, carros, entre outros. Nos anúncios de carros, por exemplo, a jogada é “mostrar” que ter um carro vai trazer uma série de “benefícios”, como poder e reconhecimento. A cada novidade no mercado, o que se produz é um sentimento de insatisfação com o que se tem. A vida na sociedade de consumo do CMI se movimenta através da captura de se querer mais e ser mais.

Na tentativa de laminar subjetividades, o CMI captura os indivíduos através do sentimento de falta, por exemplo. Assim, na aposta de suprir a insatisfação que se gera nesse processo, o consumo se manifesta como um alento, mesmo que momentâneo, dessa instabilidade. O alívio provisório garante alguma forma de organização da subjetividade diante do mal-estar da falta. Logo, outra sensação e necessidade se estabelece, promovendo um novo estado de insatisfação, uma nova reapropriação da produção capitalística. Para Guattari,

As transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência heterogênea, quer dizer, um reforço da heterogeneidade e da singularização de seus componentes (2012a, p. 34).

A ecosofia mental propõe-se a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com a vida e com a morte, antídotos para a produção midiática de opiniões e padronização de comportamentos (GUATTARI, 2012a). O filósofo fala de uma recomposição das práticas sociais e individuais que se agrupa na conexão entre as três ecologias – mental, social e ambiental – sob a égide ético-político-estética de uma ecosofia:

As relações da humanidade com o *socius*, com a psique e com a ‘natureza’ tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em conjunto (2012a, p. 23).

Para o autor, a produção de subjetividades se dá o tempo todo. Por esse motivo é que o filósofo nos diz que essa produção é maquínica, numa organização de fluxos e forças plurais e heterogêneas (SOARES; MIRANDA, 2008). Essa recomposição de práticas sociais e individuais tem relação com um outro tipo de produção. Já que a subjetividade é tudo o que concorre para a produção de um “si”, um modo de existir, um estilo de existência (SOARES; MIRANDA, 2008, p. 7), pode-se criar um outro tipo de produção a partir da ecosofia, seria o que Guattari e Rolnik chamam de singularização.

## 5. Singularização e a EA

Nesses fluxos de forças existentes na contemporaneidade, nos quais está presente a produção capitalística, também é possível que exista a provocação de movimentos de protesto contra a laminagem das subjetividades a partir da afirmação de outras maneiras de ser, outras suavidades, sensibilidades e percepções. Esse processo disruptor é chamado por Guattari e Rolnik de processo de singularização, por uma produção de diferenças e outros modos de existência com uma atenção à alteridade.

Esse processo seria uma forma de criar fissuras na produção capitalística, mesmo que mais adiante o próprio sistema se aproprie da ideia e se recomponha. Seria, então, uma micropolítica que se dá no cotidiano de cada um de nós. E, dessa forma, teríamos uma maneira de recusar os modos de encodificação preestabelecidos, recusá-los para construir, nem que seja por um breve momento, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção de sentido para a vida, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Para Guattari e Rolnik,

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos (2012, p. 22).

De acordo com Guattari (2010, p.14), o que caracteriza esses outros movimentos “não é somente uma resistência contra esse processo geral de serialização da subjetividade, mas também a tentativa de produzir outros modos de subjetivações originais e singulares, processos de singularização subjetiva”, de pensar a própria vida, a relação com as pessoas e com o cosmos.

Mas isso se dá na própria práxis. Práticas criativas que possibilitam a reinvenção das relações sociais, mentais e ambientais a partir dessa perspectiva ecosófica de Guattari.

O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas com um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiterações estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo ‘habitável’ por um projeto humano (2012a, p. 37).

Importante estar atento que não vamos resolver os problemas através de uma macropolítica, algo que se daria através do instituído. Sabemos bem que isso não funciona. Um exemplo seria definir uma disciplina curricular que ‘ensinasse’ a EA a partir de um currículo comum e rígido. Guattari traz os problemas que vivenciamos na contemporaneidade, mas as saídas são múltiplas e dependerá da criatividade dos indivíduos em abrir algumas frestas nos modos de produção dominantes. Para Guattari (2012a, p.34), “a subjetividade capitalística se esforça por gerar um mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo o que é da ordem da angústia, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos.” Assim, “não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana” (2012a, p. 17).

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si em relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época (2012a, p. 55).

Uma questão que não se discute aqui, mas tem importante destaque nas discussões sobre EA, é a “consciência ambiental” frente às problemáticas ambientais atuais. Esse termo é característico do pensamento representacional. Aqui é tomada uma postura que vai além de assumir um discurso, é de cunho ético-político-estético na produção de uma diferença, para driblar, mesmo que minimamente, a produção de subjetividade capitalística. A ecosofia é mais do que uma mudança de concepção, ela é uma filosofia que possibilita a conquista de um outro tipo de prática do pensamento, tem a ver com a busca por um processo de singularização.

Através das ideias de Guattari, torna-se possível pensar a EA abordando não só as questões físicas e sociais, mas articulando estas questões aos processos de subjetivação e provocando algumas saídas para as questões que se apresentam na contemporaneidade. Convém ficar atento a essa articulação. As três ecologias estão sempre imbricadas. Pensar com a ecosofia é acolher um pensamento múltiplo sem dar um juízo de valor, é se colocar junto ao problema que se enfrenta.

Para Guattari (2012a), os avanços tecnocientíficos têm potência para mudar a realidade das problemáticas ecológicas e buscar um reequilíbrio, porém a laminagem das subjetividades torna-se uma barreira. Muitas lutas já foram vistas, lutas feministas e sindicais, porém de uma forma ou de outra o capitalismo e a mídia apropriam-se desses discursos e “roubam” as ideias mais uma vez. Essa é a estratégia do CMI. Segundo o filósofo, é possível uma transformação individual e/ou coletiva contra a usinagem midiática em voga. É necessário articular as três ecologias e, assim, reinventar as relações, pois

Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o *socius* e o ambiente. A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isso é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. Para se desintoxicar do discurso sedativo que as televisões em particular destilam, conviria, daqui para frente, aprender o mundo através dos três vasos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos (2012a, p. 24).

Concordando com o autor, mais do que nunca, a natureza não pode ser separada do *socius*, e precisamos aprender “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecanosfera e universos de referência social e individual. Estabelecer seus pontos de relação, essa é a articulação entre as três ecologias. Elas emergem implicadas sob uma lógica diferente, atenta às múltiplas formas de pensar, diferente do modelo linear de pensamento que se reduz ao dualismo: sujeito e objeto.

Pensar a EA com Guattari (2012a) é o nosso desejo, em que o ambiente é entendido como a interdependência de todos os fenômenos, sejam eles naturais, sociais ou mentais, pois atentaria para a complexidade da contemporaneidade. Não podemos mais reduzir a educação a uma fragmentação de conhecimentos científicos, precisamos, mais do que nunca, de uma EA empenhada em trazer todas as questões ecológicas, sejam elas ambientais, sociais e do “si mesmo”, pois isso é da vida como um todo que estamos falando.

Precisamos de uma EA que esteja comprometida com todos esses problemas que tentamos trazer nessa escrita. Mas é importante que o enfrentamento dessa realidade não se restrinja aos aspectos físicos do planeta, pois não podemos pensar de forma simples, temos que articular as questões do *socius* e as nossas relações conosco.

## Referências

- CARVALHO, Isabel Cristina de M. **Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação**. Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista Veja. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.16, n.3, p.426-439, set./dez. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6792>>. Acesso em: 10 julho 2016.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012a.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lucia de Oliveira e Lucia Claudia Leão. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- GUATTARI, Félix. **¿Qué es la ecosofia?: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud**. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.
- GUATTARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **MICROPOLÍTICA: Cartografias do desejo**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- HOME**. Produção de Denis Carot e Luc Besson. Direção: YannArthus-Bertrand. Roteiro: Isabelle Delannov, YannArthus-Bertrand, Denis Carot e Yen Le Van. França: Europa Filmes, 2009. Documentário (90min.), DVD. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=X3Nnp\\_jVDd0](https://www.youtube.com/watch?v=X3Nnp_jVDd0)>. Acesso em: 23 out. 2015.
- LARROSA, J.; Et al. **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**/Marisa Vorraber Costa (Organizadora). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatória e fundamentos em educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. A filosofia para questões urgentes. **Filosofia: ciência e vida**, Ano VI. Nº 72. Julho 2012.
- RATTO, Cleber Gibbon, HENNING, Paula Corrêa. **Urgências sócio-ambientais contemporâneas: por uma ética do cuidado planetário ante a política do medo**. Disponível em: <[http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599_int.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- ROLNIK, Suely. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. **Boletim de Novidades, Pulsional** – Centro de Psicanálise, São Paulo, SP, Livraria Pulsional, Ano V, n.41:33-42, set.1992. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/textos/SUELY/homemetica.pdf>>. Acesso em 29 maio 2017.
- SANT'ANNA, Denise B. de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SERRES, Michel. **Tempo de crise**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.



SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. **Produzir subjetividades: o que significa?** Disponível em: <<http://revispi.uerj.br/v9n2/html/v9n2a10.html>>. Acesso em 29 maio 2017.

*Submetido em: 02-07-2017.*

*Publicado em: 31-08-2017.*